

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
SILVÂNIA MARIA ROSA
(ORGANIZADORES)

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
MARIA FILOMENA RODRIGUES TEIXEIRA
SILVÂNIA MARIA ROSA
(ORGANIZADORES)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Sociologie: ordem e políticas sociais na atualidade 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Silvânia Maria Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologie: ordem e políticas sociais na atualidade 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Silvânia Maria Rosa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-680-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.802212911>

1. Sociologia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Teixeira, Maria Filomena Rodrigues (Organizadora). III. Rosa, Silvânia Maria. IV. Título.
CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Colocamos à sua disposição a obra - “Sociologie: Ordem e política sociais na atualidade”, organizada em dois volumes. Uma obra que nasceu marcada pela força e expansão de seus discursos no campo das ciências sociais e áreas afins, requerendo diálogo e reflexão sobre questões que nos são caras, necessárias e urgentes nesta nova ordem social. Uma obra editada em várias mãos e idiomas, envolvendo pesquisadores de vários países, comprometidos com a reflexão permeada por ordens políticas e sociais que emergem em contextos sociais ao redor do mundo. Neste primeiro volume, os textos apresentam grande diversidade e estabelecem vínculos com as seguintes palavras-chave: Anatomia do idoso; Atualidades; Comunidade marginada; Desenvolvimento socioeconômico e humano; Desenvolvimento urbano; Engajamento; Estudo comparativo; Família; Feminismo; Gênero; Jornalismo colaborativo; Licenciatura; Liderança comunitária; Mediação da informação; Movimento Social; Mulher; Organizações; Pandemia; Política de cotas; Políticas sociais; Prática docente; Preconceito; Sociedade; Sociedade civil; Sociologia. Desejamos a todos você uma excelente leitura.


Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cinara Miranda Chaves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O PENSAMENTO CULTURAL KAINGANG SOBRE SAÚDE


Alice do Carmo Jahn
Gabriela Manfio Pohia
Elaine Marisa Andriolli
Marta Cocco da Costa
Ethel Bastos da Silva
Antonio Joreci Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129111>

CAPÍTULO 2..... 14

PROCESOS DE SUBJETIVACIÓN EN PERSONAS EN CONDICIÓN DE DISCAPACIDAD. ESTUDIO DE CASOS EN CIUDAD DE MÉXICO


Carlota Marisol García Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129112>

CAPÍTULO 3..... 31

VIOLENCIA FÍSICA, CUERPOS VIOLENTADOS Y EMOCIONES VULNERADAS. CASO DE ESTUDIANTES DE LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA


Jeysira Jacqueline Dorantes Carrión

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129113>

CAPÍTULO 4..... 44

GRANDES PROJETOS AMBIENTAIS E A RECONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO. FISCAL OU PARCEIROS?


Maria de Lourdes Cútalo de Lira Basques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129114>

CAPÍTULO 5..... 50

PROPUESTA DE ACOMPAÑAMIENTO A PROFESORES PARA ABORDAR LA INCLUSIÓN/EXCLUSIÓN EN LA ESCUELA


Ruby Vizcarra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129115>

CAPÍTULO 6..... 61

POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR: UM 'ESTADO DA QUESTÃO' SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ESTUDANTIL

Rita de Cássia Soares de Souza Bueno
Neusa Chaves Batista


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129116>

CAPÍTULO 7..... 78

TEMPORALIDADES DEL EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN) Y

CONGRESO NACIONAL INDÍGENA (CNI) EN ESPACIOS INSTITUCIONALES
DIGNIDAD Y ESPERANZA EN EL TABLERO DE LO POLÍTICO

Fernando Matamoros Ponce

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129117>

CAPÍTULO 8..... 93

SABERES TRADICIONAIS SOBRE TERRITÓRIO E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA INTERFACE DA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM COMUNIDADES
INDÍGENAS DO NORTE DE RORAIMA


Arlene Oliveira Souza

Alessandra Rufino Santos

Franzmilller Almeida Nascimento

Marília Pereira da Silva

Vicente José de Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129118>

CAPÍTULO 9..... 108

VALORAÇÃO AMBIENTAL DO RIO DA MADRE NA GUARDA DO EMBAÚ- SC

Julio Cesar Lopes Borges

Adriano de Amarante

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8022129119>

CAPÍTULO 10..... 121

UNA ESTRATEGIA DE PREVENCIÓN PARA DISMINUIR EL ÍNDICE DE CÁNCER DE
MAMA EN MUJERES MAYORES DE 25 AÑOS, EN EL CENTRO ESTATAL DE ATENCIÓN
ONCOLÓGICA DE MORELIA MICHOACÁN

Gaudencio Anaya Sánchez

Adriana Calderón Guillén

Víctor Hugo Anaya Calderón

Estefany del Carmen Anaya Calderón

Roger Nieto Contreras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291110>


CAPÍTULO 11..... 136

TURISMO E IMPACTOS AMBIENTAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM MARAÚ-BA

Andressa de Sousa Santos Ferreira

Helena Maria de O. Martins

Kamile Ferreira Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291111>

CAPÍTULO 12..... 149

VOICES REFLECTING THE BURDEN OF DISEASE IN MEXICO





Blanca Estela Pelcastre-Villafuerte

María Guadalupe Ruelas-González

Tonatiuh González-Vázquez

Héctor Gómez Dantés

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291112>

CAPÍTULO 13.....	166
TEORÍA SOCIAL CRÍTICA MÁS ALLÁ DE LA MODERNIDAD	
Susana Raquel Barbosa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291113	
CAPÍTULO 14.....	173
EL “ENVERDECIMIENTO” DE COSTA RICA: UNA GUERRA CONTRA LA SUBSISTENCIA	
Ana Isla	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291114	
CAPÍTULO 15.....	188
TRAJETÓRIA DE AGRICULTORES FAMILIARES: SUAS POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS DE AÇÕES COLETIVAS COM CONTRIBUIÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-UFSM	
Alice do Carmo Jahn	
Antonio Joreci Flores	
Elaine Marisa Andriolli	
Marta Cocco da Costa	
Ethel Bastos da Silva	
Gabriela Manfio Pohia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291115	
CAPÍTULO 16.....	200
PROPUESTA DE EDUCACIÓN SUPERIOR INTERCULTURAL PARA LA DESCOLONIZACIÓN DE LA VIDA. CASOS DE LA UNIVERSIDADES INDÍGENAS TUPAK KATARI, BOLIVIA E INSTITUTO SUPERIOR EUGENIO ESPEJO, ECUADOR	
Aquiles Alfredo Hervas Parra	
Tania Leonor Parra Proaño	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80221291116	
SOBRE OS ORGANIZADORES	216
ÍNDICE REMISSIVO.....	218

CAPÍTULO 7

TEMPORALIDADES DEL EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL (EZLN) Y CONGRESO NACIONAL INDÍGENA (CNI) EN ESPACIOS INSTITUCIONALES DIGNIDAD Y ESPERANZA EN EL TABLERO DE LO POLÍTICO

Data de aceite: 01/11/2021

Fernando Matamoros Ponce1

Profesor-investigador del Posgrado en Sociología ICSyH BUAP /Puebla, México).
Miembro Sistema Nacional de Investigadores (SNI II).

Una versión más larga de este trabajo de investigación fue publicado en la revista *CoPaLa*, año 2, núm. 4, 2017.

CONSTELACIONES DE LA TRADICIÓN EN LA EXPERIENCIA ZAPATISTA

Las condiciones de violencia creciente en el mundo nos llevan a reflexionar el sentido social y político del pensamiento y acciones zapatistas del siglo XXI. Como evidencias empíricas constatamos a nivel mundial una crisis económica estructural ligada a tendencias políticas autoritarias del poder de una ultraderecha que administra lógicas de acumulación de riquezas. Al lado de estadísticas mitológicas del consumismo de la *sociedad del espectáculo* aparecen, como reflejo de la sociedad capitalista, una pobreza creciente en colonias-favelas; millones de migrantes atravesando mares y escalando muros; reclutamientos humanos en carteles de las drogas y prostitución alarmante en calles y centros nocturnos, guerras destructivas en todos los continentes del planeta, etcétera.

Junto a estas realidades inquietantes, podemos observar que los “espectros del fascismo” en las “derechas radicales” en el mundo comparten rasgos comunes: *racismo*, *xenofobia*, *nacionalismo* (Traverso, 2016) y otras variantes análogas de la violencia estructural e ideológica capitalista. Pero, esto que no es nuevo, enfrenta la experiencia de resistencias en diversos espacios locales, regionales y nacionales con constelaciones de la lucha de clases en la historia. Al inicio de este siglo XXI, el “difunto” subcomandante Marcos (2001) afirmaba que la humanidad vivía en la *Cuarta Guerra Mundial*: un enfrentamiento entre el neoliberalismo y la humanidad entera soportando o enfrentando las consecuencias del modelo de acumulación capitalista. Es más, en un texto titulado “Chiapas: el sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía”, y que fue publicado en 1994 por la Comandancia Clandestina Revolucionaria Indígena (CCRI), el mismo subcomandante Marcos atestiguaba con datos contundentes de *sangre y lodo* que el “viento de arriba”, como una “bestia”, dejaba a su paso desesperanza, miseria, hambre y muerte. Frente a esta realidad contundente, Marcos subrayaba que el levantamiento indígena zapatista era signo de la Marcos subrayaba que el levantamiento indígena zapatista era signo de la resistencia

contra el despojo cotidiano, legalizado en 1994 mediante reformas al artículo 27 de la *Constitución Mexicana*.

Este lenguaje simbólico indígena, tan antiguo y nuevo a la vez, muchas veces incomprendible para subjetividades tradicionales de las ciencias sociales y políticas institucionales, contaba que los viejos, antiguos-tatas, enseñaban que *el viento, la lluvia y el sol hablaban de otra forma a la tierra; que la esperanza se siembra y se cosecha*. Frente a discursos de la racionalidad positivista de la muerte de los dioses: ¿cómo iba hablar la naturaleza? ¿qué querían decir esas metáforas poéticas o abstracciones de la esperanza como algo que está en nosotros y que nos hace pensar? No solamente, rememoraban las constelaciones de muertos que, desde 1910, Emiliano Zapata heredó con el canto de *Tierra y Libertad* para levantarse y “caminar para encontrarse con Otros”.

Como lo subrayo Armand Gatti (2006: 13), los zapatistas serían como “esos guardianes imprevisibles del calendario maya”; o surrealistas que habitan con sus palabras “el glifo para vivirlo, haciendo una casa viviente”. Así, los recuerdos del *Viejo Antonio*, rememorados por el Subcomandante Marcos, actualizan imaginarios de sueños-despiertos de esperanzas en las desesperanzas del autoritarismo de políticas institucionales y privatización de los medios de producción, *la tierra*. Ilustró desde la experiencia en las lenguas indígenas que mitos antiguos del padre-cielo y madre-tierra crean ritmos de vida en armonía con la naturaleza dañada en todas sus expresiones de contaminación y calentamiento solar. Sueñan con las palabras que debemos soñar, ya que morimos en el sacrificio para vivir otra vida, más allá que la condena de las armas y cañones de los poderosos.

Los recuerdos del Viejo Antonio rememoran una forma de teología-política que reivindica significaciones del *sueño zapatista* (Le Bot, 1997) en la creación y expresión de metáforas y alegorías de humor de personajes *nagualizados* por el pensamiento indígena-mestizo. Inventados desde el inconsciente para enfrentar conscientemente la violencia, estos personajes reflejan, paradójicamente, no solamente la situación de angustia y esperanza, sino la urgencia de alternativas de la vida contra la muerte, determinada por el sistema de despojo capitalista. Por ejemplo, surgen a la consciencia en *Cuentos para una soledad desvelada* (Sup Marcos, 1998) personajes imaginarios, tanto para vivir con *pesadillas* y *sueños* del alma como para caminar con los *colores del arcoíris*. En absurdos, pero hermosos delirios irreverentes de la palabra indígena en su diálogo con la naturaleza animal, aparecen escarabajos como *Don Durito*, quien, desde las oscuridades e iluminaciones de la historia, piensa como organizarse para no seguir siendo pisoteado por botas militares.

Entonces, lo que ponemos en perspectiva en esta disputa es la constante evolución de la guerra como continuidad de la política como experiencia cultural comunitaria, pero al mismo tiempo cómo imaginarios y artes de la resistencia, poéticamente, en un diálogo, aparentemente ausente en la realidad de la lucha de clases, se actualizan recuerdos del

pasado en el presente. Por esto, los últimos encuentros propuestos por los zapatistas permiten recapacitar sobre la importancia de la imaginación en las acciones concretas de paz contra la violencia desplegada por el sistema capitalista. La *Escuelita* (2012-2013), el *Pensamiento crítico contra la hidra capitalista* (2015), *Comp-Arte* (2016), *ConCiencias* (2016-2017) son los últimos ejemplos que permiten destacar que las palabras poéticas zapatistas no son lugares de reunión de izquierdistas desubicados, desviados, pervertidos, sin relaciones sociales. Parafraseando a Marc Augé (2004), aunque son *no-lugares* en las institucionalidades de la posmodernidad constituida por la modernidad, espacios y temporalidades no existen en una forma pura. La constitución de los *no-lugares* se nutre de refinamientos milenarios del *genio del paganismo* (Augé, 1982) en las comunidades para recomponer relaciones sociales con sutilidades poéticas de imaginarios mitológicos en las *artes del hacer* política comunitaria.

Las brechas entreabiertas por armas pacíficas de la poesía en la historia, imaginarios en las artes del hacer han permitido el despliegue de tácticas y estrategias capaces de enfrentar la militarización guerrera en las diversas guerras de la historia. Lo importante de las motivaciones históricas en su forma completa permite comprender cómo “transgresiones juveniles” eternas se renuevan en los dramas de la historia; pues, como diría Sören Kierkegaard (2015: 11-12 y 13), “miramos la salvación a través del pecado”. Entonces, “si todo fuera equivocación en el mundo, si en realidad, la risa fue hecha de lagrimas”, descubrir las artes de resistencias milenarias puede parecer una melancolía del *salvaje* que ama fielmente los sueños rebeldes insumisos o que quiere quedarse inmovilizado por la divinidad de la naturaleza. Sin embargo, esta mirada permite destacar que no somos nada más objetos manipulables, sino que existen otras determinaciones y complementos, sueños y utopías que actualizan la dialéctica del corazón para la vida digna: el hacer contra la repetición de violencia y mentiras institucionales. Así, el arte del pensamiento crítico zapatista es justamente la capacidad de reinterpretar las paradojas de constelaciones de belleza de la vida con las artes de tristeza en las derrotas. Se asemejan a esos encuentros imaginarios con los recuerdos de muertos que estimulan a pensar posibilidades excitantes del serpenteo de la reflexión con el Otro. El diálogo con lo ausente, el *don*, tan antiguo en el placido fluir imparabile de la palabra, apunta a una utopía del entre-medio, huecos por donde podemos visualizar lo genuino y oculto de la tradición en las causas perdidas. Así, en un debate socio-religioso entre Luis Villoro y el Subcomandante Marcos, este último renacido como el SupGaleano, nos recuerda que frecuentemente fue derrocado por los contenidos filosóficos de palabras de su “ya compañero” Don Luis Villoro.

“Por lo regular esas pláticas semejaban a encuentros de esgrima. Aunque sobre decirlo, las más de las veces me vi derribado. Así sucedió cierta vez. Don Luis entonces rió y soltó: ‘¡Derribado, pero no destruido!’ Yo me reincorporé con palabras, haciéndole ver que se sería mal visto que un filósofo neopositivista cite, queriéndolo o no, la segunda carta del apóstol Pablo a los Corintos. Y él, sonriendo taimado, ‘y se vería peor que un jefe zapatista

identificará la cita. Entonces se puso de pie y recitó dramático: *'que estamos atribulados en todo, más no angustiados; en apuros, más no desesperados; perseguidos, más no desamparados; derribados, pero no destruidos'*; y luego dirigiéndose a mí: *'y me extraña que no hayas señalado que se trata del capítulo IV, versículos 8 y 9'*. Aun adolorido por la paliza argumentativa, repuse: *'siempre he pensado que ese texto más parece comunicado zapatista describiendo la resistencia, que parte del Nuevo Testamento'* (Subcomandante Marcos, 2015: 55).

Por esto, afirmamos que las lenguas determinan de forma inequívoca que no son un instrumento para la exploración del pasado, sino solamente medios para rastrear el sentido de las verdades de la historia contenidas en ellas (Benjamin, 2002, IV: 175). Es decir, en el interior de objetos históricos de las resistencias, descritos por las lenguas y representaciones artísticas, se encuentran, también, posibilidades utópicas de una *paz perpetua* que continua a provocar, o mostrar, preguntas inmemoriales de las tradiciones implícitas en la producción de espacios cultura como formas de política comunitaria. El objetivo de una sociedad emancipada de las instituciones administrativas del Capital se enfrenta a la inevitable pregunta realista contrariante de la necesidad del hambre en la cotidianidad, impuesta por instituciones de la política del poder en las ciencias sociales, administrativas de la tecnología y política del mercado.

“Y, como de por sí en nuestro modo zapatista, al final está el principio, hay que hacer más y mejores semilleros; darle su lugar a la práctica, pero también a la reflexión propia sobre esa práctica; entender la necesidad de la teoría y la urgencia del pensamiento crítico. No estamos haciendo un partido o una organización, estamos haciendo un avistamiento. Para esa vista necesitamos conceptos y no buenos deseos; necesitamos práctica con teoría y teoría con práctica: necesitamos análisis críticos y no calificativos. Para mirar afuera necesitamos mirar dentro” (SupGaleano, 2015: 17).

Entonces, desde los fondos simbólicos de la historia del *México Profundo*, las señales de constelaciones de más de 34 años de resistencia indígena, *vientos de la dignidad y la rebeldía*, resuenan ecos de muertos y desaparecidos que hablaban “por el socialismo” con la esperanza de “su deseo con el deseo de muchos y van a buscarlos”. Con este aprendizaje de memoriales de artes de resistencias, tradiciones, usos y costumbres por una vida digna, actualizaron, abajo y a la izquierda, un pensamiento crítico y prácticas de *lo político* para gobernar y gobernarse contra la violencia. Sus palabras, aunque tímidas frente a los medios de comunicación y las encuestas de opinión, se han transformado en prácticas y se encuentran con otros deseos de muchos y muchas en las bifurcaciones históricas y caminos de resistencias.

“Según nuestros análisis (y hasta ahora no hemos visto a nadie ni nada que los refute, antes bien, los confirman), estamos ya en medio de una crisis estructural que, en términos coloquiales significa imperio de la violencia criminal, catástrofes naturales, carestía y desempleo desenfrenados, escases de servicios básicos, colapso energético,

migraciones, hambre, enfermedad, destrucción, muerte, desesperación, angustia, terror, desamparo. En suma: deshumanización. Un crimen está en curso. El más grande, brutal y cruel en la breve historia de la humanidad. El criminal es un sistema dispuesto a todo: el capitalismo. En términos apocalípticos: es una lucha entre la humanidad y el sistema, entre la vida y la muerte. La segunda opción, la de la muerte, no se las recomiendo. Mejor no se mueran. No les conviene. Créanme, yo algo sé de eso porque he muerto varias veces. Es muy aburrido. Como las entradas al cielo y al infierno sufren de una burocracia pesada (aunque no tanto como las de las universidades y centros de investigación), la espera es peor que en un aeropuerto o central de autobuses en épocas decembrinas. El infierno es ídem, tienes que organizar encuentros de artes, de ciencias exactas y naturales, de ciencias sociales, de pueblos originarios, y cosas igualmente terribles. Te obligan a bañarte y peinarte. Te inyectan y te fuerzan a comer sopa de calabazas todo el tiempo. Tienes que escuchar a Peña Nieto y a Donald Trump en una conferencia de prensa sin fin. El cielo, por su parte, es igual, sólo que ahí tienes que soportar el coro monótono de unos ángeles descoloridos, y todos te dan largas si lo quieres hablar al dios para quejarte de la música. En resumen; digan no a la muerte y sí a la vida. Pero no se engañen. Van a tener que luchar todos los días, a todas horas y en todo lugar. En esa lucha, tarde o temprano, se darán cuenta de que sólo en colectivo tendrán posibilidades de triunfar. Y, aun así, verán que necesitan también las artes, y que nos necesitan también a nosotras, y a otros, otras, otras como nosotros. Organícense. Como zapatistas que somos no sólo no les pedimos que abandonen su práctica científica, les demandamos que continúen en ella, que la profundicen” (SupGaleano, “El Gato-Perro y el Apocalipsis”, 2016).

Como las experiencias organizativas, abajo y a la izquierda, son *frágiles* productos de subjetividades fragmentadas por el poder totalitario del capitalismo, necesidad y consumo de mercancías, múltiples actores de lucha de clases enfrentan la violencia del Estado e instituciones: represión, prisión, tortura, y desaparición. Esta situación no solamente es una representación de espacialidades de Chiapas, sino también de otras particularidades, como lo atestiguan, por ejemplo, diversas experiencias organizadas en el *Congreso Nacional Indígena* (CNI), conocido en su origen —1996— como “la casa de los pueblos indígenas de México”¹. Entonces, si situamos las constelaciones del EZLN en 1994 (años de clandestinidad mediada por la represión), con la fundación del CNI en octubre de 1996, podemos constatar que los esfuerzos organizativos del *Foro Nacional Indígena*, convocado ese mismo año por el EZLN (González García, 2006), significó una conjunción de múltiples resistencias en el *Estado de excepción* de violencia en México. Así, se puede constatar que, si las reivindicaciones plasmadas en los *Acuerdos de San Andrés Sakamch'en* eran el reconocimiento de subjetividades y experiencias negadas en la *Constitución Mexicana*, también eran una lucha contra la violencia del capitalismo, una

1 El CNI se fundó en octubre de 1996 y está ligado a esfuerzos organizativos del *Foro Nacional Indígena*, convocado ese mismo año por el Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) (González García, 2006).

búsqueda de reconocimientos locales y particulares con sus singularidades territoriales.

Hay que recordar que temporalidades del sujeto en las movilizaciones de la *Marcha del Color de la Tierra* en 2001 fueron un parte-aguas que evidenció problemáticas de las identidades y sus subjetividades como partes de las contradicciones de sociedad. En este sentido, los esfuerzos de reconocimiento político en los *Acuerdos de San Andrés* fueron traicionados con una “contrarreforma”, conocida como *Ley Bartlett-Cevallos-Ortega* (nombres de tres representantes de partidos políticos de derecha e izquierda institucional). A partir de ese momento, el EZLN y el CNI proclamaron los *Acuerdos de facto*, una política de autonomía para organizar gobiernos locales, municipales y regionales como formas de lucha contra las lógicas capitalistas. Algunos de los procesos más relevantes de estas autonomías son el cuidado del territorio, organización del tejido social mediante la memoria, formas de democracia directa y de gobierno para la producción de espacios y temporalidades organizativas de resistencias contra megaproyectos y multiculturalismos eco-turísticos del Tratado de Libre Comercio (TLC). Por esto, subrayamos que las transgresiones e interrelaciones dialécticas que el zapatismo del siglo XXI estableció con el CNI son interpelaciones a condiciones materiales del dolor histórico del colonialismo racista, pero también una fuerza de imaginarios inscritos en resistencias de clase a nivel nacional e internacional.

Frente a la catástrofe social, política y económica que viven los pueblos subyugados por la subjetividad dominante, las tácticas y estrategias de identidad centran, paradójicamente, interrogaciones sobre materialidades en las subjetividades de la historia. Desde luego, las propuestas de los zapatistas fueron y son *apuestas* políticas desde la experiencia concreta de la democracia directa comunitaria en sus identidades: tanto para no ser cautivos de la soledad en autonomías autocomplacientes de identidades comunalistas como para establecer agendas con otras experiencias regionales y nacionales. Frente a las determinaciones míticas del “fin de la historia” en el “mundo feliz” de la libertad del mercado culturalista y de identidades subsumidas por la necesidad y el consumo, con una “paz civil” lograda por la guerra administrada por un poder *biopolítico* (Foucault, 1997) existe una perpetuidad de fuerzas en la *guerra como continuidad de la política*: una masa enorme de pobres frente a un pequeño grupo de ricos capitalistas privilegiados y un número de estadistas haciendo reformas *ad hoc* de privatización de empresas públicas, incluyendo la salud y la educación.

EXPERIENCIA UTÓPICA E INTERRELACIONES RURALES Y URBANAS EN ESPACIOS ELECTORALES

Así, en el paisaje institucional de las elecciones presidenciales (2018), la experiencia crítica y autocrítica del pasado en el presente del zapatismo busca ampliar relaciones con otras experiencias rurales y urbanas. En la medida que los objetivos planteados no eran entrar en las reglas del poder y la dominación, reproduciendo vicios institucionales

de corrupción y explotación, sus planteamientos del 2016 parecieran “anomalías” con las formas establecidas de representación. No solamente *retembló en sus centros la tierra*, como ecos en el himno nacional mexicano, sino que establecieron diálogos y espacialidades entre comunidades en la resistencia. Como los indígenas saben que sus luchas no son aisladas, viven en las contradicciones de la sociedad, sus propuestas no son *naïves*, poéticas posmodernas, sin contenidos concretos. Para salir del aislamiento y represión cotidiana, desplegados por el “miedo”, creados por la militarización y paramilitarización, sus palabras corresponden el lenguaje con estrategias ligadas a la experiencia acumulada por las comunidades.

“Convocados por la conmemoración del 20 aniversario del Congreso Nacional Indígena y de la viva resistencia de los pueblos, naciones y tribus originarios de este país México, de las lenguas amuzgo, binni-zaá, chinanteco, chol, chontal de Oaxaca, coca, náyeri, cuicateco, kumiai, lacandón, matlazinca, maya, mayo, mazahua, mazateco, mixe, mixteco, nahua, ñahñu, ñathô, popoluca, purépecha, rarámuri, tlapaneco, tojolabal, totonaco, triqui, tzeltal, tsotsil, wixárika, yaqui, zoque, chontal de Tabasco y hermanos aimara, catalán, mam, nasa, quiché y tacaná decimos con firmeza que nuestra lucha es abajo y a la izquierda, que somos anticapitalistas y que se ha llegado el tiempo de los pueblos, de hacer vibrar este país con el latir ancestral del corazón de nuestra madre tierra. Es así que nos reunimos a celebrar la vida en el Quinto Congreso Nacional Indígena que tuvo lugar del 9 al 14 de octubre de 2016 en el CIDECI-UNITIERRA, Chiapas, desde donde nuevamente nos damos cuenta de la agudización del despojo y la represión que no han parado en 524 años [...] En nuestros pueblos nos construimos cada día en las resistencias por detener la tempestad y ofensiva capitalista que no cesa, sino que se vuelve cada día más agresiva y se ha convertido en una amenaza civilizatoria no sólo para los pueblos indígenas y campesinos, sino para los pueblos de las ciudades que deben también crear formas dignas y rebeldes para no ser asesinados, despojados, contaminados, enfermos, esclavizados, secuestrados o desaparecidos. [...] Considerando que la ofensiva [...] este Quinto Congreso Nacional Indígena determinó iniciar una consulta en cada uno de nuestros pueblos para desmontar desde abajo el poder que arriba nos imponen y que nos ofrece un panorama de muerte, violencia, despojo y destrucción. Ante todo lo anterior, nos declaramos en asamblea permanente y consultaremos en cada una de nuestras geografías, territorios y rumbos el acuerdo de este Quinto CNI para nombrar un concejo indígena de gobierno cuya palabra sea materializada por una mujer indígena, delegada del CNI como candidata independiente que contienda a nombre del Congreso Nacional Indígena y el Ejército Zapatista de Liberación Nacional en el proceso electoral del año 2018 para la presidencia de este país” (CNI-EZLN, 2016).

Así, en la urgencia de las crisis y la guerra, la fuerza del corazón y la dignidad, dicen los zapatistas, es un palpitar colectivo, una acumulación de tiempos de palabras y “pasitos” para tantear-se cómo refigurar-se en el mundo que niega luchas de la dignidad. Afirman

los delegados del *V Congreso Nacional Indígena*, las exigencias de los pueblos indígenas no figuran dentro de la *agenda nacional*. Ya que son *pueblos marginados... olvidados... pisoteados... golpeados... torturados...* (Video, XX Aniversario CNI, 2016), salen a enfrentar los peligros de los reflectores institucionales para exponer sus luchas, sus muertos y constelaciones de esperanzas. Así, las significaciones de sus actos públicos se sitúan en la urgencia frente a la *Hidra Capitalista* (EZLN, Comisión Sexta, 2015) que está destruyendo la humanidad. No importa si en la escritura aparece como una comparecencia diferenciada de filosofía, religión o ciencia. Frente a la tormenta que vivimos proponen, como Noé en el *Antiguo Testamento*, un arca donde se puedan concentrar posibilidades para salvarse del diluvio que se avecina. Como hemos mencionado, dialéctica y contradictoriamente, las imágenes de tormenta y profecías de esperanzas no son solamente fragmentos poéticos representativos. Sus formas artísticas son formas de resistencia, rebelión y revolución, diluidos en la historia de las instituciones de los vencedores, al mismo tiempo que, también, significaciones de conquistas, cambios y derrotas de esperanzas en la vida social fragmentada. En sus componentes negativos, podemos resaltar el *lugar histórico* de cicatrices-abiertas por los mismos héroes y mártires de *su* historia (Matamoros, 2005), al mismo tiempo que un movimiento para salir del encerramiento. Así, salieron hacia Europa (2021), atravesaron el Océano Atlántico en un barco llamado *Montaña en Alta Mar*.

“Al oriente el sol, apenas asomado al horizonte, detiene un poco su necia y cotidiana ronda. Le ha parecido ver que una montaña, con una corona de seres humanos, camina. Pero más allá del sol y de unas nubes grises que la noche dejó olvidadas, nadie aquí parece sorprenderse. *‘De por sí así estaba escrito’*, dice el Viejo Antonio mientras afila el machete de doble filo, y la Doña Juanita asiente con un suspiro. En el fogón huele a café y a maíz cocido. En la radio comunitaria se escucha una cumbia. La letra habla de una leyenda imposible: una montaña [en alta mar] navegando a contrapelo de la historia [...] Siete personas, siete zapatistas, forman la fracción marítima de la delegación que visitará Europa. Cuatro son mujeres, dos son varones y *unoa es otroa*. 4, 2, 1. El escuadrón 421 se [encontró] en el llamado ‘Centro de Adiestramiento Marítimo-Terrestre Zapatista’, ubicado en el Semillero Comandanta Ramona de la zona Tzotz Choj” (SupGaleano, abril 2021).

Desde luego, algunos críticos les han cuestionado que no tienen un programa universal completo, pero construyen en la práctica concreta, con el Otro, tácticas y estrategias de un *nosotros* en movimiento. Otros han cuestionado los peligros de dividir la izquierda tradicional establecida en las instituciones, sin embargo, como lo han mencionado, participar en elecciones no es entrar en las agendas institucionales establecidas por las lógicas de la dominación, sino construir con el Otro, rural y urbano, posibilidades de palabras y prácticas invisibilizadas por los medios de comunicación. Así, las propuestas del EZLN y el CNI, desde octubre del 2016, no copian en negativo los errores del pasado, sino que presentan su experiencia de organización y gobierno como parte de un programa concreto y cotidiano de lo comunitario para enfrentar la violencia y progreso industrial destructor de

la civilización. De alguna manera sus negatividades se positivizan en las contradicciones del mundo. Sus gritos, aunque expresiones de la desesperación, se vuelven estrellas de la esperanza en la oscuridad totalitaria de las lógicas de la *hidra capitalista*, cuyas cabezas cambian. Hoy en el populismo y derechas, así como en las izquierdas institucionales que hablan de unir personajes lúgubres de la historia de la invasión del territorio mesoamericano: Mañana en el pragmatismo de la política realista del mercado sin alternativas, naturalizado en el consumo cultural de la sociedad del espectáculo.

“Se nos dice, se nos repite, se nos enseña, se nos impone, que el mundo caminó su historia para llegar a donde mandara el dinero, los de arriba ganaran y nosotros, el color que somos de la tierra, perdiéramos. La monarquía del dinero se presenta, así, como la culminación de los tiempos el fin de la historia, la realización de la humanidad” (En Pozol colectivo, 2016).

Por esto, frente al fortalecimiento de prácticas verticales de un poder totalitario y antidemocrático en la moda *posmoderna*, que no deja de repetirnos el *fin de la historia* y las *utopías*, nos preguntamos: ¿cuáles serían las posibilidades de temporalidades comunitarias del pasado, del sentido común de verdades negadas en los medios de comunicación? ¿Invisibles en la memoria obligada que nos imponen las identificaciones y clasificaciones del otro (mestizo, indio, mujer, homosexual, joven...), qué rol juegan los *no-lugares*, utopías y esperanzas construyendo espacios de diálogo con el ausente o fragmentado en las resistencias? Como afirma Marc Augé:

“Si un lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad ni como relacional ni como histórico, definirá un no-lugar [resistencias, negatividades, utopías, sueños, esperanzas...]. La hipótesis aquí defendida es que la sobremodernidad es productora de no-lugares, es decir, de espacios que no son en sí lugares antropológicos y que, contrariamente a la modernidad baudeleriana, no integran los lugares antiguos: éstos, catalogados, clasificados y promovidos a la categoría de ‘lugares de memoria’, ocupan allí un lugar circunscripto y específico (...) Agreguemos que, evidentemente, un no-lugar existe igual que un lugar: no existe nunca bajo una forma pura; allí los lugares se recomponen, las relaciones se reconstituyen; las ‘astucias milenarias’ de la invención de lo cotidiano y de las ‘artes del hacer’ de las que Michel de Certeau ha propuesto análisis tan sutiles, pueden abrirse allí un camino y desplegar sus estrategias” (Augé, 2004: 83 y 84).

Así, podríamos decir que los zapatistas han construido nuevos espacios de lucha, no clasificados, que no pueden definirse en la vigilancia y control de los indigenismos institucionales autorizados por los catálogos del folclor de “lugares de memoria”. Desde luego, las temporalidades zapatistas no existen bajo una *forma pura*, pues, allí, en Chiapas se han recompuesto relaciones mestizas, rurales-urbanas con las imaginaciones milenarias de la invención de lo cotidiano y artes del hacer; “teologías de la liberación” abren caminos para el despliegue de tácticas y estrategias de resistencia y rebeldía.

APUESTA Y DIGNIDAD EN EL AJEDREZ POLÍTICO DE LA HISTORIA

En este juego de tácticas y estrategias de lo negado o subsumido por lógicas materiales y administrativas de las instituciones, en la *Tesis I* de la historia, Walter Benjamin (2007: 21) mencionaba que, según se cuenta en la historia, había en una mesa con espejos un juego de ajedrez mecánico que producían la sensación de transparencia e ilusiones. Estaba construida de tal manera que todos los movimientos de las piezas aseguraban el triunfo del juego de muñecos que se movían automáticamente. En el automatismo, *un muñeco vestido de turco* veía, impassible, los movimientos de las piezas, pero adentro de la caja un enano jorobado, *maestro del ajedrez*, movía la mano del muñeco mediante cordeles. Esta metáfora de Benjamin sobre materialidades de juegos del poder, como duendes, pone en evidencia maniobras de las formas de dominación de las instituciones y subjetividades que determinan quién, desde el derecho positivo y sus militares, administra los dispositivos de reproducción del sistema. En efecto, la estructura-estructurante de subjetividades está con-figurada por medios de comunicación política que producen ilusiones de transparencia, cuando en realidad todo está armado; los hilos se mueven en “encuestas de opinión” para determinar quién es *más óptimo como ganador*. Zósimo Camacho (2016) rememora esta mirada dialéctica del juego de ajedrez para recordarnos que esta tesis fue actualizada por el difunto subcomandante insurgente Marcos. Hace algunos años, el 12 de marzo del 2001, durante la *Marcha del Color de la Tierra*, en un bello cuento habitado por los reconocimientos de la *Dignidad Indígena*, el EZLN puso relojes de resistencias en el orden del día de las ciencias políticas autorizadas.

“Un grupo de jugadores se encuentra enfrascado en un importante juego de ajedrez de alta escuela. Un indígena se acerca, observa y pregunta que qué es lo que están jugando. Nadie le responde. El indígena se acerca al tablero y contempla la posición de las piezas, el rostro serio y ceñudo de los jugadores, la actitud expectante de quienes los rodean. Repite su pregunta. Alguno de los jugadores se toma la molestia de responder: ‘Es algo que no podrías entender, es un juego para gente importante y sabia’. El indígena guarda silencio y continúa observando el tablero y los movimientos de los contrincantes. Después de un tiempo, aventura otra pregunta: ‘¿Y para qué juegan si ya saben quién va a ganar?’ El mismo jugador que le respondió antes le dice: ‘Nunca entenderás, esto es para especialistas, está fuera de tu alcance intelectual’. El indígena no dice nada. Sigue mirando y se va. Al poco tiempo regresa trayendo algo consigo. Sin decir más se acerca a la mesa de juego y pone en medio del tablero una bota vieja y llena de lodo. Los jugadores se desconciertan y lo miran con enojo. El indígena sonrío maliciosamente mientras pregunta: ‘¿Jaque?’” (Supcomandante Marcos, en Camacho, 2016).

Con Georges Bataille (2008a: 235 y 232) queremos subrayar en esta actitud del ajedrez, en tanto que conjuraciones históricas de las esperanzas y utopías en las luchas institucionales, una postura crítica y negativa de los excluidos que *no implica que la ciencia*

deberá ser rechazada totalmente, sino debatida para subrayar que el conocimiento objetivo está, evidentemente, tanto en el juego de relaciones contradictorias de las apariencias como en las apuestas sagradas de la vida como esperanza y utopía. Difícil situación para los políticos y científicos que se niegan a aceptar los orígenes culturales de formas concretas de la vida como *lo político*. Con esto, podríamos decir que las artes de la política en la vida son, justamente, normas comunitarias que toman forma en el movimiento mismo. Las cuales son capaces de satisfacer las consciencias que las respetan, producen y transforman en el proceso de enfrentamiento con quien las prohíbe. Por eso, como un cuento que se habita con la juventud de imaginarios, Zósimo Camacho (2016) insiste cómo las constelaciones de la historia se actualizan en las controversias racistas y homofóbicas (incluyendo intelectuales cercanos al zapatismo), en relación a la participación del EZLN y el CNI en las elecciones presidenciales del 2018 con una mujer indígena candidata.

“Ahora el EZLN y el CNI se asoman de nuevo al *tablero* de los políticos profesionales. La propuesta de formar un Concejo Indígena de Gobierno con una candidata a la Presidencia que irrumpa en el próximo proceso electoral es congruente con las búsquedas de los zapatistas. Quienes los tachan de ‘inconsecuentes’ o, peor, de ‘hacerle el juego a la derecha’ no han sabido o no han querido leer la propuesta. Y en su soliloquio, no han escuchado ni a los zapatistas ni a los indígenas ni a las personas, colectivos y movimientos populares que no caben en los partidos políticos con registro [...] El zapatismo ya se mueve, se levanta. El pasado miércoles 23 de noviembre [2016], en el local de Uníos, se dieron cita representantes de decenas de colectivos y organizaciones adherentes a la Selva Lacandona en la Ciudad de México. Se escuchó la propuesta del EZLN y el CNI y la respuesta de los concurrentes. Quedó claro: la consulta y la candidatura independiente, van. Ahí, Sergio Rodríguez Lascano recordó el cuento [...] Y propuso en pequeño cambio al final, tan pequeño, como intercambiar un par de signos de puntuación. ‘Luego de que el indígena colocara sobre el tablero la bota vieja y lodosa, no preguntaría: ‘¿Jaque?’, sino que afirmarí: ‘¡Jaque!’” (Camacho, 2016).

Creemos que, frente a la razón instrumentalizada del fin en si mismo para la necesidad y el consumo administrado por una racionalidad instrumentalizada, figuras eróticas negativas del pasado insisten en las palabras del EZLN y el CNI: “vamos con todo y por todo” en esta sociedad que es nuestro objetivo. Por lo tanto, no es una reivindicación cerrada en las dignidades existencialistas de las autonomías egocentristas, ni antropológicas de los derechos humanos en esta sociedad basada en la desigualdad y la injusticia. Parafraseando a Kierkegaard (1990), *desde que el pecado se consumó; solamente el Bien unifica el hecho y el pasaje*. Es decir, los actos inconfortables de persistir a creer permiten establecer ese vínculo paradigmático y paradójico de la incertitud de la desesperanza y los sueños utópicos de la esperanza. Por esto, Georges Bataille (2008b: 349) diría que en los pasajes paradójicos de la desesperación resurge, otra vez, en las representaciones de mitos antiguos de la esperanza, la renovación de actos rituales sagrados y memoriales

que se sustraen a la vulgaridad de la sociedad fragmentada por el poder mitológico de las instituciones normalizadas por el poder. Así, los contenidos de verdad en palabras y actos de los zapatistas del siglo XXI comparten el deseo de transmitirnos posibilidades de entrecruzamientos de luchas por la felicidad: ilusiones poéticas del Otro, el ausente en la humanidad. En el sentido de Pascal (1964: 127), la *apuesta* que hoy se inscribe en las reconfiguraciones de la esperanza está en las encrucijadas de la historia. Es como un reencantamiento en la racionalidad dominante. Un sueño que marca la fuerza que lo causa. Una apuesta como necesidad de construir algo nuevo, para ir más allá del concepto autorizado en la vida mutilada. En *los que esperan*, mientras unos ven muros imposibles de traspasar, otros ven, aún con las hablaturías autorizadas, como diría Walter Benjamin (2002: 74), veredas por todas partes. Aun cuando son caminos plagados de contradicciones, horrores y esperanzas, una fe por otro mundo se actualiza en esos *pasajes* históricos.

“El carácter destructivo sólo conoce una consigna: hacer sitio; sólo una actividad: despejar. Su necesidad de aire fresco y espacio libre es más fuerte que todo odio. El carácter destructivo es joven y alegre. Porque destruir rejuvenece, ya que aparta del camino las huellas de nuestra edad; y alegría, puesto que para el que destruye dar de lado significa una reducción perfecta, una erradicación incluso de la situación en la que se encuentra. A esta imagen apolínea del destructivo nos lleva por de pronto el atisbo de lo muchísimo que se simplifica el mundo si se comprueba hasta qué punto merece la pena su destrucción [...] El carácter destructivo no está interesado en absoluto en que se le entienda [...] En nada puede dañarle se malentendido. Al contrario, lo provoca, igual que lo provocaron los oráculos, instituciones destructivas del Estado [...] Como por todas partes ve caminos, está siempre en la encrucijada. En ningún instante es capaz de saber lo que traerá consigo el próximo. Hace escombros de lo existente, y no por los escombros mismos, sino por el camino que pasa a través de ellos” (Benjamin, 2002: 73-75).

En otras palabras, el hecho de autoprepararse cotidianamente significa que la esperanza, como violencia refinada, no debe ser forzada por la urgencia del Estado de Excepción del fascismo (poder y dominación) recurrente en la historia. Es una preparación de transformación y abnegación del creer en el Otro. Como afirma Kracauer (2008: 111-124), no cuestionamos en que lugar suceden las transformaciones —y si realmente suceden. Esto no debe preocupar a quienes se esfuerzan cotidianamente en establecer lazos para familiarizarse con la esperanza que se alcanza en los encuentros extraordinarios de la imaginación. Entonces, como lo mencionamos en estas reflexiones-reflexivas sobre los encuentros del EZLN-CNI, los esfuerzos por lo nuevo no se realizan sin las dificultades sociales, pues el sujeto de la transformación no es un sujeto puro. Sin embargo, podemos decir que el sacrificio que consiste en la actividad intensa del espíritu crítico crea por un instante la *situación*, sin ocuparla, pero que será vivida por otra gente. Es la constitución del sentido de la realidad con la existencia de la fe de utopías y sueños de la humanidad contra la violencia. Desde luego, experimentar posibilidades de destrucción de la violencia

establecida significa reapropiarse de un espíritu abierto, sin que confundamos relajación del alma con la dejadez en la soledad. Se trata de un largo camino, mejor dicho, como diría Benjamin, de un salto del tigre del presente al pasado donde encontraremos orígenes de la palabra que volverán a unir hombres y mujeres esperanzados con la *comunidad de fe* (Kracauer, 2008). Frente a la mentira, como afirmará el Subcomandante insurgente Moises:

“Si no nos llegan los datos, basta con salir en las calles ahí los encontramos los datos mirando, escuchando, como que huele lo injusto, como que se puede palpar en las calles el dolor, la amargura, las tristezas. La razón la tenemos totalmente el por qué y para qué organizarse y luchar juntos del campo y la ciudad. Cada quien por su lugar veamos qué hacer y cómo hacer, porque cada quien ve cómo es el terreno donde vive un@ y su calendario. Ahí está el ejemplo de l@s compañer@s, herman@s del Movimiento de Liberación de los Kurdos, que ellos y ellas vieron cómo se puede hacer allá en su terreno de dónde están. Por eso decimos que entonces luchemos, organicémonos [...] Sólo se necesita organizarse” (Subcomandante insurgente Moises, 2015: 367).

Por esto, pensamos, para no quedarse postrados en los mitos de la madre naturaleza, inmóviles frente a la salvaje prolongación del hacer para la producción del espectáculo, mercantilizando cuerpos y subjetividades, nos parece que el salto que *aquí y ahora* que están realizando los zapatistas no es reproducir la linealidad de la desdichada sucesión de las palabras domadas por la historia escrita por los vencedores. Para no quedarse en los bordes de los caminos del desarrollo de la reproducción y riqueza como goce, que demostraría otra vez la sumisión y arbitrariedad del modelo de pensamiento de la necesidad del valor de uso en el valor de cambio, la pequeña fuerza de las palabras y acciones, el sonido de *Caracoles* organizativos del EZLN, como forma de organización, son expresiones, gestos y palabras visibles de la historia de comunidades ofrecidas al dialogo con los Otros. Como afirma el SupGaleano (2015), la mirada zapatista hacia el interior y exterior organizó un hilado para reconstruir el rompecabezas de *lo* político. Estos puntos constitutivos hacia el exterior no quieren mostrar un cumulo de ilusiones mirando, desde la autonomía, el cielo de Montes Azules y selvas sin contenidos de la violencia capitalista. Como dicen diversos movimientos de solidaridad con los indígenas zapatistas. el orgullo de la historia es precisamente la pre-presencia del vencido que reaparece espiritualmente, otra vez, contra lo inesencial y grotesco de la hidra capitalista. Lo que trasciende es la potencialidad del pensamiento crítico de *grandes momentos del indigenismo mexicano* (Villoro, 1979). La esperanza que estaría en *la historia de las ultimas cosas, antes de la ultimas*, diría Siegfried Kracauer (2010). Finalmente, como los jinetes de caballerías y el ilustre *Don Quijote* de Cervantes, *Don Durito* y el *Gato-perro* serían esos personajes imaginarios de las interioridades que actualizan espiritualidades: locas aventuras en *terras incognitas* aun sin descubrir en el mundo conocido de instituciones de la guerra.

BIBLIOGRAFÍA

1. Augé, Marc (1982), *Génie du paganisme*, París, Gallimard.
2. Augé, Marc (2004), *Los no lugares/ Espacios del anonimato*, España, Gedisa.
3. Bataille, Georges (2008a), *La conjuración sagrada*, Buenos Aires, Adriana Hidalgo.
4. Bataille, Georges (2008b), *La felicidad, el erotismo y la literatura*, Buenos Aires, Adriana Hidalgo.
5. Benjamin, Walter (2007), *Sobre el concepto de historia: tesis y otros fragmentos*. Apéndice, “Auguste Blanqui, contra el positivismo”, Buenos Aires, Piedras de papel.
6. Benjamin, Walter (2002), *Ensayos* (Tomo IV), Madrid, Editora Nacional.
7. Camacho, Zósimo (2016), “El ‘jaque’ de los pueblos indígenas y el EZLN”, en *Contralínea* 517, <http://www.contralinea.com.mx/archivo-revista/index.php/2016/12/04/el-jaque-de-los-pueblos-indigenas-y-el-ezln/>, México, 4 de Diciembre 2016 (Revisado 5 de diciembre 2106).
8. CNI-EZLN (2016a), “Que retiemble en sus centros la tierra”, en <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/10/14/que-retiemble-en-sus-centros-la-tierra/> (Revisado 25 de febrero del 2017).
9. EZLN, Comisión Sexta (2015), *El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista*, III Vols., México. s/d.
10. Foucault, Michel (1997), *Il faut défendre la société*, París, Gallimard/Seuil.
11. Gatti, Armand (2006), *Premier voyage en langue maya avec surréalistes à bord*, París, Syllepse.
12. González García, Carlos (2006), “Congreso Nacional Indígena, Diez años en la brecha”, en *Ojarasca-Jornada*, en <http://www.jornada.unam.mx/2006/09/18/oja113-cni.html>. (Revisado 25 de febrero del 2017).
13. Kierkegaard, Sören (1990), *Miettes Philosophiques. Le concept de l'angoisse. Traité du désespoir*. París, Gallimard.
14. Kierkegaard, Sören (2015), *Diapsalmata*, París Allia.
15. Kracauer, Siegfried (2008), *La fotografía y otros ensayos. El ornamento de la masa I*, Barcelona, Gedisa.
16. Kracauer, Siegfried (2010), *Historia. Las últimas cosas antes de las últimas*, Buenos Aires, Las cuarenta.
17. Le Bot, Yvon (1997), *Subcomandante Marcos. El sueño zapatista*, Plaza & Janés.
18. Matamoros Ponce Fernando (2005), *Memoria y utopía en México. Imaginarios en la génesis del neozapatismo*, Jalapa, UV-BUAP.
19. Pascal, Blaise (1964), *Pensées*, París, Garnier Frères.
20. Pozol colectivo (2016), “Subcomandante Marcos, “palabras de clausura del Encuentro de pueblos indios de América en Vicam, Sonora”, “El -reiterado- fin de la historia”, <http://www.pozol.org/?p=14366>, 29 de diciembre de 2016. (Revisado 6 de febrero del 2017).
21. Subcomandante Insurgente Marcos (1997), *Cuentos para una soledad desvelada*, México, FZLN.

22. Subcomandante Insurgente Moisés (2015), “Mas semilleros”, en EZLN, Comisión Sexta (2015), *El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista*, Vol. I, México, sin editor.
23. Subcomandante Marcos (1994), “Chiapas: el sureste en dos vientos,. una tormenta y una profecía”, en http://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1994/1994_01_27.htm (Revisado 26 de febrero del 2017).
24. Subcomandante Marcos (2001), “La Cuarta Guerra Mundial”, en la *Jornada*, México, 23 de octubre de 2001, www.jornada.unam.mx/2001/10/23/per-lacuarta.html. (Revisado: 10 enero del 2002).
25. Subcomandante Marcos (2015), “Luis Villoro Toranzo, el zapatista”, en EZLN, Comisión Sexta (2015), en *El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista*, Vol. I, México. s/d.
26. SupGaleano (2015), “De cómo llegamos a la Cofa del Vigía y lo que desde ahí miramos”, en EZLN, Comisión Sexta (2015), *El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista*, Vol. I, México, sin editor.
27. SupGaleano (2021), “La Ruta de Ixchel”, en <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2021/04/26/la-ruta-de-ixchel/> Revisado 27 de abril 2021.
28. SupGaleano (2016), “El Gato-Perro y el Apocalipsis”, en *Enlace Zapatista*, <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2016/12/29/el-gato-perro-y-el-apocalipsis/>. (Revisado: 26 de febrero del 2017).
29. Traverso, Enzo (2016), “Espectros del fascismo: pensar las derechas radicales en el siglo XXI”, en *Sin Permiso* <http://www.sinpermiso.info/textos/espectros-del-fascismo-pensar-las-derechas-radicales-en-el-siglo-xxi>, 10 de septiembre 2016. (revisado 20 de marzo 2017).
30. Video, *XX Aniversario Congreso Nacional Indígena* (2016), en <http://radiozapatista.org/?p=19097> (Revisado, 25 de febrero del 2017).
31. Villoro, Luis (1979), *Los grandes momentos de indigenismo en México*, México, La Casa Chata.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultores familiares 6, 99, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 198

C

Contribuições 6, 12, 74, 75, 102, 117, 188, 192, 199

Cultura 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 29, 30, 39, 42, 43, 53, 54, 77, 81, 94, 95, 97, 101, 103, 104, 106, 125, 132, 141, 164, 167, 175, 206, 211, 216, 217

D

Desenvolvimento local 5, 136, 137, 140, 147

E

Educação ambiental 5, 93, 94, 104, 107, 116

Educação do campo 5, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 105, 106

Educação superior 4, 61, 62, 63, 64, 67, 75, 76, 99

Emoções 31

Estudantes 4, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 202, 203

F

Foucault 14, 15, 16, 17, 18, 20, 29, 30, 56, 59, 83, 91, 204

I

Inclusão 76, 99, 111, 196, 199

J

Justiça social 61, 62, 63, 67, 68, 76, 77

K

Kaingang 4, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 190

M

Maraú 5, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Participação estudantil 61

Política afirmativa 61, 62, 63, 65, 68, 77

Potencialidades 6, 2, 98, 105, 116, 136, 188, 189, 191, 192, 194

Prevenção 191

Processos de subjetivação 14

Professores 5, 68, 93, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 109, 194, 196, 216, 217

Projetos ambientais 4, 44

R

Recurso ambiental 108, 110, 115

S

Saberes indígenas 93, 96, 99, 100

Saúde 4, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 99, 102, 103, 144, 146, 147, 149, 150, 192, 197, 199, 217

T

Território 5, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 47, 93, 97, 104, 110, 136, 137, 138, 139, 146, 147, 148, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 199

Turismo 5, 46, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148, 181, 182, 187, 212

U

Universidade 6, 2, 5, 11, 12, 13, 31, 44, 61, 69, 73, 74, 76, 93, 97, 99, 100, 105, 107, 108, 109, 116, 117, 136, 148, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 216, 217





V

Valoração 5, 76, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE




2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SOCIOLOGIE:

ORDEM E POLÍTICAS SOCIAIS NA ATUALIDADE

2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br